

ARTIGOS

O 1968 DE EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

JANICE THEODORO DA SILVA
PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Antes de iniciar essa conversa sobre o professor Eurípedes gostaria de lembrar que a memória é feita de lembranças e esquecimentos construídos individualmente e socialmente, portanto, o seu significado, além de pessoal é, principalmente, político, porque diz respeito ao momento histórico em que a memória foi reconstruída.

Hoje, mais do que em 1968, eu tenho clareza de que o professor Eurípedes, ao longo de sua vida, levou a frente um projeto de vida com um conteúdo político claro, um projeto de raiz humanista que tinha a universidade como núcleo básico, com vistas à conformação da sociedade brasileira, de acordo com os princípios democráticos vigentes na época. As suas próprias palavras não deixam dúvidas quanto aos seus propósitos:

“Agora, sem dúvida, deverá passar pela mente de meus queridos afilhados a seguinte pergunta: qual o papel que caberia à nossa Faculdade nesse complexo por nós delineado? Evidentemente a nossa Escola forma e continuará a formar especialistas em geologia, geografia, mineralogia, botânica, biologia, zoologia, química, física, sociologia, matemática, economia, estatística, paleografia, pesquisadores em história, filosofia, letras, mas sobretudo, professores do ensino médio, que ministram os conhecimentos básicos de todas as ciências e que forjam o caráter dos adolescentes. A nossa Faculdade tempera com o

*Humanismo as mais rebarbativas especialidades, porque sem ele os nossos técnicos seriam meros “robots” e “frankensteins” da ciência, porque o que importa sempre é o **HOMEM**”¹.*

Essas palavras escritas pelo professor Eurípedes nos fazem compreender melhor esse homem capaz de se desdobrar nos afazeres da Universidade e estar sempre atento às investidas contra os estudantes, especialmente quando entrou em vigor, em 13 de dezembro de 1968, o Ato Institucional nº. 5, reforçando os poderes discricionários do regime militar.

Embora a vida de cada um de nós, e dele também, sejam marcadas por uma série de ambigüidades, a vida do professor Eurípedes caracterizou-se pela coerência. Ele participou da Revolução de 32, foi preso numa revolução constitucionalista, condizente com o seu perfil político. Fiel aos mesmos pressupostos democráticos, Eurípedes se dispõe a participar das tropas brasileiras na Segunda Grande Guerra. Reprovado no exame médico continua insistindo e acaba deixando o Brasil como comandante do pelotão da 1ª. Companhia de Petrechos Pesados do 6º. Regimento de Infantaria – o Regimento Ipiranga. A sua participação nesses conflitos, bem como seus escritos, deixam claro que ele fazia parte, na época da guerra, de um grupo de intelectuais que optaram por arriscar a vida em defesa das liberdades democráticas. Para ele essas liberdades só seriam garantidas em uma sociedade que contasse com a participação consciente e ativa de todos os seus membros. Para

¹ PAULA, Eurípedes Simões de. *A Universidade e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*. Separata de: *Revista de História*, nº. 54, São Paulo, 1963. P.527. A palavra **HOMEM** grafada com letra maiúscula e em negrito foi opção do Autor do texto citado.

realizar esse objetivo era necessário que o Estado criasse políticas que universalizassem o saber. Com esse objetivo Eurípedes voltou da guerra e passou a se dedicar a formação e ampliação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras entendida como o coração da Universidade de São Paulo, responsável pela produção do pensamento crítico no Brasil.

Com o golpe militar Eurípedes procurou, num primeiro momento, preservar a liberdade de pensamento e após o Ato Institucional nº. 5 sua maior preocupação foi garantir a vida dos alunos, embora fosse contrário ao radicalismo de direita e de esquerda.

Com o início dos confrontos entre militares e estudantes no campus da Universidade e fora dele, prisões de alunos em sala de aula e controle na contratação de professores, Eurípedes procurou, de todas as formas possíveis, resguardar os alunos e garantir, na medida do possível, a independência e autonomia da Universidade. Ele procurou manter uma posição independente frente às pressões políticas, encaminhando os contratos de professores que não eram bem vistos pelo regime militar, tentando garantir o exercício da profissão dos professores críticos ao regime militar. Embora muitos alunos tenham sido presos no campus da Universidade, Eurípedes utilizava dos meios que dispunha para evitar violências. Se os alunos estavam reunidos em uma sala de aula e ele sabia que a Faculdade seria invadida, ele apagava a luz para dispersar os alunos e assim evitava o conflito. Se as fichas dos alunos se constituíam em uma ameaça à sua integridade física, por conter fotografias que seriam utilizadas pelos serviços de segurança, ele retirava as fotografias, se um aluno estivesse precisando de ajuda financeira para sobreviver ele “emprestava” algum dinheiro. Existem coisas que a gente não esquece. O professor Eurípedes e a professora Ana Maria Camargo, quando eu estava sendo procurada pela polícia, me ofereceram ajuda. Naquela época grande parte das pessoas, mesmo

SUMÁRIO

ARTIGOS

O 1968 DE EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA	1
JANICE THEODORO DA SILVA	
A RETOMADA DA MARIA ANTÔNIA	4
PROF. DR. LINCOLN SECCO	
A SITUAÇÃO DA FILOSOFIA E DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO ..	5
POR RENATO ROSTÁS	
HOMENAGEM AO PROF. DR. GABRIEL COHN	6
<i>A OUSADIA CRÍTICA</i> - ENSAIOS PARA GABRIEL COHN	
ORGANIZAÇÃO LEOPOLDO WAIZBORT	6
A DESPEDIDA DE GABRIEL COHN	7
POR GUSTAVO DAINEZI	
HOMENAGEM DOS FUNCIONÁRIOS AO PROFESSOR GABRIEL COHN .	8
POR LAÍS LUCAS MOREIRA	
ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO	8
PROJETO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL FFLCH-HU	8
POR SÍLVIO C. TAMASO D'ONOFRIO	
PONTO DE APOIO FAPESP NA USP	9
POR GUSTAVO DAINEZI	
ACOMPANHAMENTO DAS REFORMAS DA FFLCH	9
POR GUSTAVO DAINEZI	
OFÍCIO DO PROF. DR. SEDI, ENCAMINHADO A DIRETORA DA FACULDADE	10
MEMÓRIA	11
ENTREVISTA – PROF. ANDRÉ VITOR SINGER	11
POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA	
EVENTOS	12
HOMENAGEM AO PROFESSOR EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA	13
POR LAÍS LUCAS MOREIRA	
ENTREVISTA COM PROFESSOR HORÁCIO COSTA SOBRE O IV CONGRESSO ABEH	15
POR LAÍS LUCAS MOREIRA	
ESPAÇO DOS FUNCIONÁRIOS	17
UMA VIDA CONSTRUÍDA DENTRO DA FFLCH (FLORIPES)	
PINÉ GARCIA,	17
POR RENATO ROSTÁS	
ENTREVISTA COM SRA. VICENTINA, ANTIGA FUNCIONÁRIA DA FACULDADE	20
POR LAÍS LUCAS MOREIRA	
PRODUÇÃO DA FACULDADE	21

EXPEDIENTE



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITORA:

Profa. Dra. Suely Vilela

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETORA:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitri

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitri (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokoi (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL) e Sra. Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros – MTb 35814 (Membro Assessor).

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:

COORDENAÇÃO: Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros. PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815. COLABORADORES: Gustavo Dainezi, Laís Lucas Moreira, Priscilla Vicenzo da Silva e Renato Rinaldi Ribeiro Rostás. REVISÃO: Sílvio C. Tamaso D'Onofrio. FOTOS: Eusebio Gregorio Costa.

GRÁFICA – FFLCH: Impressão e acabamento - TIRAGEM: 1200 exemplares.

na Universidade, tinha receio de falar com você, especialmente se o aluno em questão fosse ligado ao centro acadêmico e tivesse posições mais radicais.

Com relação aos contratos de novos professores a questão era muito complicada. O professor Eurípedes nunca teve receio de encaminhar os processos embora ele soubesse que era praticamente impossível alterar a opinião do “encarregado” pela análise dos antecedentes políticos do candidato a um posto na USP. Nem sempre era fácil que o Conselho Departamental quisesse encaminhar o processo e, quando alguma boa alma o encaminhava, ele era devolvido pela reitoria. Todos os processos passavam por um “funcionário” que definia quem podia e quem não podia dar aula na USP em razão dos seus antecedentes políticos. Eu também tive essa experiência na Faculdade de Arquitetura da USP onde o professor Nestor Goulart agiu com muita dignidade e coragem propondo o meu nome para ser docente. Mas como era praxe a “reitoria” impediu a contratação. Lembro-me bem das dificuldades enfrentadas e das conversas com o professor Eurípedes sempre tentando encontrar alguma solução.

O Eurípedes era uma espécie de pai que tentava nos fazer ver o risco que estávamos correndo, questionando a nossa forma política de agir. Ele preferia valorizar a organização de uma instituição como a ANPUH (Associação Nacional dos Professores Universitários de História), a Sociedade de Estudos Históricos ou a Editora da USP. Ele considerava prioritário criar laços entre os intelectuais brasileiros e estrangeiros porque para ele esses vínculos, acompanhados de algum tipo de institucionalização, poderiam criar um espaço político crítico na longa duração. Ele estava certo. Mesmo depois de sua morte a Sociedade que ele criou cumpriu o seu papel em favor do pensamento crítico. A Sociedade de Estudos Históricos, por exemplo, convidou para discutir as Perspectivas e Dilemas do Mundo Luso-Afro-Brasileiro no âmbito da 31ª. Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), uma série de intelectuais que não eram bem

vistos pelo regime militar².

Retomando o projeto do professor Eurípedes, poderemos dizer que ele era um humanista, preocupado em educar e formar os brasileiros dando a todos o acesso à educação. Nesse sentido ele se preocupou muito, durante toda a sua vida profissional, com a formação dos professores da rede pública. Disse ele em um de seus artigos:

*O nível dos candidatos que se apresentaram ao exame vestibular decresceu bastante, não obstante existirem honrosas exceções. A culpa desse fato evidentemente não é deles, mas sim do ensino de grau médio que receberam nos ginásios e colégios existentes no país. (...) A média de reprovação desses professores com registro provisório é apavorante. E são eles que ministram o ensino por esse interior a fora... Quanto aos professores do ensino oficial estamos assistindo a idêntico espetáculo. Aos nossos licenciados muitas vezes foram negadas cadeiras para a regência interina no interior do Estado e aqui na Capital, para serem entregues a pessoas completamente incapazes, mas possuidoras de boas recomendações políticas. (...)*³

Como todos os personagens que fazem história de maneira engajada, Eurípedes conviveu com a crítica. Os setores mais radicais da esquerda achavam que as elites – que estavam bem situadas no poder – não iriam criar condições para a formação intelectual da população brasileira, ou seja, ela iria se acomodar com o analfabetismo, portanto, só a luta armada geraria as condições necessárias à mudança. Eurípedes não abraçava essa tese. Ele preferiu, até a sua morte, lutar pela transformação social por meio da educação, da independência das instituições acadêmicas e, principalmente pelo respeito à vida, que naquela época era desrespeitada até mesmo dentro do campus da nossa Universidade.

Quem sentiu na pele e ouviu a dor de colegas que morreram na prisão, como Luis Eduardo Merlini, aluno da História, sabe que homens como o Professor Eurípedes fazem, ainda hoje, muita falta.

² Foram convidados para esse evento em nome da Sociedade de Estudos Históricos, os seguintes intelectuais: Professores Joaquim Barradas de Carvalho (Catedrático da Universidade de Lisboa), Guilherme Lustosa da Cunha (Organização das Nações Unidas - ONU), Vitorino Magalhães Godinho (Catedrático da Universidade Nova de Lisboa), Joel Serrão (Catedrático da Universidade de Lisboa), Sá Machado (ex-chanceler do Governo Português, após 1974), Tenente Coronel Melo Antunes (especialista da descolonização africana), Mario de Andrade (especialista na problemática da colonização), Luandino Vieira (estudioso das relações Brasil-Angola), Aquino de Bragança (teórico do Movimento pela Libertação de Moçambique) e Augusto Abelaira (escritor e presidente da Associação Portuguesa de Escritores).

³ PAULA, Eurípedes Simões de. *A História e o seu ensino na Faculdade*. Separata de: *Filosofia, Ciências e Letras*. No. 12, 1949. P.81.

A RETOMADA DA MARIA ANTÔNIA

PROF. DR. LINCOLN SECCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) costuma apresentar-se sob duas condições: célula mãe da USP (pois teria sido criada junto com a própria Universidade) e herdeira da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Sua criação em 1934 deixava para um futuro próximo a necessidade de inventar uma tradição (para usar a expressão do historiador Eric Hobsbawm).

Ao lado de escolas preexistentes à criação da USP, como a de Direito, Medicina ou Politécnica, a novíssima faculdade carregava um fardo que não era seu: o Brasil não tinha a tradição universitária dos outros países da América Latina, como Peru e Argentina, por exemplo, e muito menos uma tradição de estudos não imediatamente aplicados como em certas áreas da matemática ou filosofia. Salvo em personalidades isoladas ou instituições que não eram voltadas para o ensino e formação de seus próprios quadros.

O caso da seção de História e Geografia da USP é paradigmático: havia no Brasil os institutos históricos e geográficos que produziam um conhecimento institucionalizado e consolidado que, mais tarde, seria ofuscado permanentemente pela nova Universidade. Costumamos acreditar que se tratava apenas de uma “história positiva” que deveria ser ultrapassada necessariamente. Mas não é verdade. Aqueles institutos decaíram, entre muitas razões, porque o seu raio de influência era restrito. Eles não formavam alunos. Ainda assim, a Faculdade de Filosofia encarnou um sentido “civilizatório” ao formar os professores das boas escolas públicas paulistas de então e ao erigir um padrão de fazer ciência no Brasil.

Como sabemos, nos primórdios a Faculdade se espalhava por edifícios do centro da cidade de São Paulo. Estava irmanada à dinâmica das ruas. E o seu edifício símbolo era o prédio da rua Maria Antônia, palco de uma célebre luta entre estudantes pela democracia. Duas tragédias se abateram sobre a Faculdade: em primeiro lugar, ela foi desmembrada; em segundo lugar, transferida para o campus do Butantã. Fazia parte de uma lógica (vigente em muitos países) de se afastar as Universidades dos centros das cidades para evitar que os protestos contínuos dos estudantes causassem maior impacto no trânsito de veículos e na opinião pública. Mas também era resultado direto do Golpe Militar de Primeiro de Abril de 1964.

A Ditadura recém-instalada inaugurou sua relação com a USP prendendo e aposentando compulsoriamente os melhores quadros universitários. Assassinando alguns. A Faculdade de Filosofia foi atingida em cheio. No Brasil não havia nenhum De Gaulle para dizer: “Não se prende Sartre”. Nossos ditadores não eram tão ilustrados. Assim, Florestan Fernandes e tantos outros foram perseguidos.

O prédio da Faculdade foi invadido e parcialmente destruído em outubro de 1968 e o governo o tomou da USP. Tombado em 1985 e devolvido à USP, tornou-se em 1993 o Centro Universitário Maria Antônia, vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. Esta foi uma primeira fase de devolução. Incompleta. Pois o prédio perdeu sua principal função: a de ensinar e formar os quadros da própria USP. Urge retomá-lo.

A FFLCH ficou reduzida aos seus cursos de Ciências Humanas. Ainda assim, ela guarda a maior parte da tradição da antiga Faculdade de Filosofia da rua Maria Antônia não só porque soube “inventá-la”, mas porque reivindicou desde o desmembramento a continuidade do padrão científico que ela trouxe para o Brasil a partir da simbiose das missões estrangeiras (francesa em particular) com os talentos nacionais. Exatamente por isso, ela traz em si o seu contrário: um certo preconceito introjetado de que as Ciências Humanas não merecem tantos recursos da sociedade. Apesar de formar professores e gerar o conhecimento crítico que ajuda a sedimentar ou mesmo questionar nossa identidade nacional, ela aceita divisões muitas vezes o discurso de que sua produção é desnecessária, um passatempo de luxo.

Tal situação é visível na desproporção entre o número de alunos que ela forma e na quantidade de recursos que recebe; mas condições dos seus prédios didáticos em comparação com outras unidades da USP; na superlotação das salas de aula; nos gabinetes insalubres dos professores – quem agüenta dar aulas no Departamento de História com mais de cem alunos numa sala sem janelas?

A USP deve evitar esforços para que a FFLCH retome o controle da Maria Antônia com uma proposta simples e legítima: transformar aquele conjunto de prédios na sede das seções de pós-graduação da Faculdade. Eles também concentrariam as aulas e

as defesas de teses, bem como os cursos de extensão da Faculdade e muitos debates que interessam a um grande público que por ali trabalha mas não pode vir ao Butantã, devido à distância do centro. Temos já um precedente a seguir: a FAU da Rua Maranhão. Além disso, é notória a falta de estrutura física sufi-

ciente para as atividades da FFLCH. Construir um novo prédio exclusivamente didático na cidade universitária é necessário, mas demanda tempo e recursos que nem sempre são destinados à unidade da USP que mais forma alunos. Entretanto, a Maria Antônia está lá: pronta para ser retomada.

A SITUAÇÃO DA FILOSOFIA E DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

PROFESSORES DAS ÁREAS COMENTAM A LEI SANCIONADA ESTE ANO QUE OBRIGA AS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO A INCLUIREM AS DISCIPLINAS EM SUAS GRADES.

POR RENATO ROSTÁS

Através de uma lei sancionada em julho de 2008, os cursos de Ensino Médio são obrigados a possuir matérias de Filosofia e Sociologia em suas grades curriculares. Isso segue a linha de pensamento do Conselho Nacional de Educação (CNE), que em 2006 aprovou decisão de orientar a rede pública neste caminho.

A volta, em especial da matéria de Sociologia, configura uma vitória para professores e estudantes. O curso foi obrigatório entre 1925 e 1942, tornando-se optativo depois, mas a partir de 1971, a ditadura militar que governava o Brasil proibiu o ensino de tópicos sociológicos nas escolas. Desde então, várias entidades de sociólogos, filósofos e estudantes (como a UNE) vêm lutando para incluir essas matérias novamente na grade do Ensino Médio.

Ruy Braga, professor do Departamento de Sociologia da FFLCH, acredita que a volta da disciplina na grade curricular pode trazer muitas vantagens aos estudantes. Tanto servindo como um auxílio para melhorar a compreensão que o aluno tem do mundo ao seu redor, como para incentivar sua participação política, a Sociologia é um modo de formar pessoas capacitadas ao pensamento social crítico.

Como serão ministrados obrigatoriamente, a inclusão destes tópicos em vestibulares já é prevista. O professor Eduardo Brandão, do Departamento de Filosofia, revela que já há interesse da FUVEST de incorporar a matéria em seu vestibular. Ele considera essa prática razoável, apesar de atentar para o perigo de o ensino de Filosofia, por exemplo, ser pautado por aquilo que será tema do vestibular: “isso não é algo que esteja dentro do alcance da FUVEST, cabe às escolas o bom senso”, ressalva o professor.

Apesar de todas as importantes reflexões acerca daquilo que será ensinado, o mais grave problema é o oferecimento de professores para a área. Como as disciplinas deixaram de ser oferecidas no Ensino Médio,

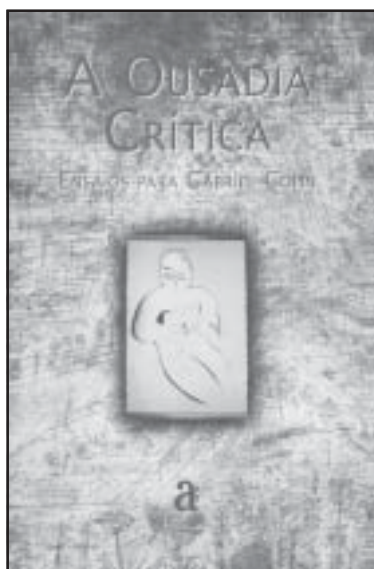
os cursos de licenciatura em Filosofia e Sociologia nas Universidades, formadores de professores, foram largamente esvaziados. Com a nova lei, professores de outras áreas deverão ser deslocados para dar essas aulas, pelo menos num primeiro momento.

Isso já começa a acontecer. Segundo dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), hoje são 20.000 os professores que atuam na área de Sociologia no Ensino Médio, mas só 5.500 destes possuem licenciatura na área. O professor Ruy Braga considera o cenário péssimo, mas é o mesmo que acontece com outras disciplinas como a Matemática: “é preciso enfrentar a falta de professores com força e ousadia para que a demanda seja suprida”, afirma.

Infelizmente as escolas particulares mostram-se desfavoráveis à implantação de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio. Para elas, o preço de suas mensalidades iria aumentar e isso criaria clientes descontentes. O contra-argumento é o de que todas as escolas deverão oferecer esses cursos em sua grade, e, portanto, o aumento valeria para todas as instituições. Isso não motivaria a competição e o problema do encarecimento seria praticamente anulado.

Para o professor Eduardo Brandão, não há perigo de a maturidade intelectual dos alunos não ser suficiente para o ensino das matérias. Ela precisa ser desenvolvida, sim, para que os tópicos sejam tratados e melhor recebidos por eles, mas o professor faz uma ressalva. Geralmente, os tópicos de Filosofia durante a graduação também não costumam se aprofundar demais, exatamente por causa da complexidade. Portanto, este não seria um grande problema. O professor Braga concorda e compara com outras disciplinas: “você não vai entregar uma obra de Machado de Assis pra um estudante de Ensino Médio e esperar que ele lhe devolva uma tese de doutorado”, lembra.

HOMENAGEM AO PROF. DR. GABRIEL COHN



A Ousadia Crítica

Ensaio para Gabriel Cohn

Organização: Leopoldo Waizbort

Editora Azouque - www.azouque.com.br

2ª Edição ampliada

Este volume reuniu originalmente textos escritos em homenagem a Gabriel Cohn, por ocasião de seu sexagésimo aniversário, em 1998. Ele testemunha o esforço comum dos autores em registrar um pouco daquilo que, com ele, pensaram, dialogaram e viveram.

Para além das experiências mais pessoais e únicas de cada um dos colaboradores com Gabriel, há também uma dimensão pública do convívio intelectual, que é o que os textos pretendem tanto registrar como fazer viver nesse momento. É claro que cada um de nós tem suas próprias histórias da convivência com Gabriel para contar. Algo disto emerge no conjunto dos textos que escrevemos para ele,

em alguns casos de maneira mais explícita, em outros de modo mais velado.

Os 60 anos são, antes de mais nada, um pretexto para a homenagem. Ela é, fatalmente, incompleta e cheia de omissões. A feitura em sigilo do volume exigiu um grupo restrito de professores, alunos e amigos, que certamente não representam mais do que uma fração dos colaboradores em potencial. Ademais, e por outro lado, a contribuição de Gabriel para o cenário das nossas ciências sociais é bastante multifacetada; suas reflexões – e seus escritos refletem isso – espalharam-se, ao longo dos anos, por um horizonte amplo e complexo, de modo que fazer jus ao seu trabalho exigiria mais do que o conjunto aqui apresentado poderia pretender. Que o livro seja publicado sob os auspícios de um organizador deve-se apenas a critérios externos, e não substantivos, já que de fato ele representa o esforço conjunto de todos os colaboradores.

É o ensejo mais vivo dos autores que esta reunião testemunhe um debate intelectual, algo que Gabriel sempre soube cuidar com enorme carinho e não menor rigor. Tal seria a forma de exprimir nossa amizade, respeito e admiração.

10 ANOS DEPOIS

Lá se vão 10 anos desde que Octavio Ianni entregou a Gabriel a primeira edição deste livro. Nesse ínterim, Gabriel continuou, como era de se esperar, a congregar e motivar seus amigos e alunos, que se reúnem uma vez mais para esta nova edição, um pouco aumentada, a sugerir a persistência de sua força de irradiação. Pensando sobre isso, sou levado a crer que a razão da presença tão marcante de Gabriel pode ser resumida – se tem sentido resumir – numa espécie de teimosia em não abdicar do que denomina vida certa, quando ainda não retalhada seja ao privado, seja ao consumo. Desse modo, quer na sociologia, quer na ciência política, Gabriel insistiu e perseverou na procura de uma dignidade humana mais digna do ser humano. É por essa razão, tanto antes como agora, que os autores a ele se dirigem, em agradecimento e promessa.

São Paulo, 29 de setembro de 2008

LEOPOLDO WAIZBORT

A DESPEDIDA DE GABRIEL COHN

POR GUSTAVO DAINEZI

O momento da despedida de Gabriel Cohn da direção da FFLCH deu-se na última reunião da Congregação, na qual recebeu homenagens dos setores da Faculdade.

Nesta reunião, houve além de dois bolos oferecidos pelos funcionários, manifestações de professores e efusivos elogios à pessoa do professor.

A Profa. Dra. Valéria de Marco comentou: “como na gestão do Prof. Gabriel as questões referentes aos espaços, seja reforma, construção ou uso, foram objeto de conflitos, quero dar meu depoimento, como antiga professora. O professor Gabriel tirou do papel o plano diretor. As obras levam o seu tempo, mas estão em andamento. Para conseguir isso não basta o imperativo da necessidade, como indicam nossas carências históricas. É preciso empenho no diálogo com a Reitoria em nome da escola. Quanto aos conflitos, quero observar que neste colegiado, o professor sempre tratou respeitosa-mente todos os que tinham posições divergentes, desde os tempos em que aqui debatemos e decidimos manter a unidade da faculdade. Para os que aqui não estavam, o professor Gabriel naquele momento era contrário a essa configuração. Éramos adversários, continuamos a sê-lo em relação a muitas questões. Mas, como poucos, ele representou a totalidade da nossa escola. Agradeço, professor.”

Em seguida tomou a palavra foi o Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho. Comentou que o próximo desafio da FFLCH é manter em alto nível o diálogo e manter a unidade da Faculdade. Elogiou Cohn dizendo que sua gestão consolidou uma busca pela convergência entre os pensamentos divergentes dos membros da Congregação. Sobre a postura de Cohn frente à Congregação, classificou-o como um verdadeiro magistrado, fazendo com que o Colegiado pudesse tomar mesmo as posições mais duras sem cindir-se e que votasse posições majoritárias sem soterrar as minoritárias.

A nova diretora da FFLCH, Profa. Dra. Sandra Nitrini registrou seu prazer por ter trabalhado com o professor Cohn, como vice-diretora. Observou que o prof. Gabriel não incluiu no seu relatório o

avanco do setor de relações internacionais, para o qual contou o apoio que ele deu à CCInt interna. Também não incluiu o trabalho do Serviço de Comunicação Social desenvolvido no período de sua gestão. A professora disse que lia essa omissão no relatório como um gesto de profundo respeito pelo trabalho que coube a ela, como vice-diretora. A professora ainda disse que, por experiência própria, sentia-se a vontade para dizer que a conduta do professor Gabriel foi a de um diretor que sempre considerou a vice-diretora como vice-diretora da Faculdade e não uma subordinada a ele.

O presidente da CCEX, Prof. Ivã Carlos Lopes caracterizou a condução da gestão do professor como acolhedora, polida e extremamente cortês.

A Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato agradeceu ao professor em nome dos “sem-teto” do prédio de História e Geografia. Disse que quem conviveu com a crise dos espaços naquele prédio sabe dar valor a quem atuou firmemente para resolver os problemas.

O Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria registrou os agradecimentos dele e dos docentes e funcionários do DLCV na resolução dos problemas enfrentados por um Departamento grande e complexo. Disse ainda que sempre contou com forte apoio do Prof. Dr. Gabriel Cohn nos momentos mais difíceis e disse estar honrado por ter compartilhado os três anos incompletos de sua gestão.

Também foi distribuído um caderno especial de balanço da sua gestão, escrito pelo próprio professor Gabriel.

Neste caderno, chamado “Propostas e Intervenções”, o ex-diretor organizou uma coleção de “textos programáticos, analíticos ou diretamente polêmicos” de sua gestão, com propósito de “tornar manifesta a busca de coerência em relação a uma proposta programática bastante ampla e, no entanto, rigorosamente levada a sério do início ao fim”.

Entre os temas abordados neste caderno especial estão o programa de direção, os discursos de posse e de despedida, autonomia universitária, política de uso de espaços, relação entre a FFLCH e os Centros Acadêmicos, entre outros.

HOMENAGEM DOS FUNCIONÁRIOS AO PROFESSOR GABRIEL COHN

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

O dia 26 de setembro de 2008, sexta-feira, foi uma data de alegrias e tristezas vividas pelo pessoal da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Isso porque foi o último dia que o Professor Gabriel Cohn esteve à frente da direção da Faculdade, dando lugar à Professora Sandra Nitrini - recentemente eleita para o cargo. Contudo, é claro que essa data não poderia passar em branco.

Pensando nisso é que Rose Mary, da Comissão de Pesquisa, e Zezé, Chefe dos Serviços Gerais, em conjunto com alguns funcionários do Prédio da Adminis-

tração, resolveram organizar uma despedida surpresa, como é de costume em ocasiões como essa. Com direito a sanduíches, salgadinhos, refrigerante, cerveja e até um bolo, a festinha teve início às 17 horas e se estendeu até as 22 para alguns.

Compareceram aproximadamente 100 pessoas - segundo Rose Mary - dentre alunos, professores e funcionários da FFLCH. A despedida contou ainda com músicos de um grupo de samba e algumas palavras do Professor, que falou rapidamente despedindo-se da função.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

PROJETO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL FFLCH-HU

POR SÍLVIO C. TAMASO D'ONOFRIO

No último dia 16 de setembro o auditório do Hospital Universitário foi palco da aula inaugural do Projeto de Integração Social da FFLCH. O Projeto tem por objetivo o aperfeiçoamento da interação entre alunos e sociedade por meio do HU.

Partindo da constatação de que a rotina do hospital possui espaço para a implementação de novas interfaces entre a sociedade e a Universidade, e da certeza sobre a existência de alunos interessados em tarefas de caráter mais prático do que teórico, a Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick criou o Projeto de Integração da FFLCH. O Projeto consiste na assistência dos alunos a crianças internadas no HU, e o espaço desse trabalho é a brinquedoteca do Hospital. E não só os internos saem ganhando: com uma dedicação de seis horas semanais por dois meses, os alunos participantes somam quatro créditos no currículo escolar.

Na aula inaugural os 18 alunos inscritos puderam conversar com seis profissionais do HU envolvidos na iniciativa, após três palestras de caráter introdutório.

Nancy Mieko Igarashi, Assistente Social do

HU, apresentou projetos semelhantes de outras faculdades (Farma, Fono, Nutri, Psico, Pedagogo, entre outras), e também de órgãos externos/ONGs, para os novatos da FFLCH. Explicou que o Projeto está a cargo da Pediatria; os procedimentos iniciais e também os relatórios que os alunos devem elaborar.

Nanci Cristiano dos Santos, Enfermeira Chefe, apresentou com mais detalhes a Pediatria do HU: organograma, localização, normas, rotinas, além do destaque especial ao tema da infecção hospitalar e do combate a ela. Os números da Pediatria, portanto o ambiente no qual o Projeto é desenvolvido, é o seguinte: são 39 leitos para pacientes de 29 dias até 15 anos de idade incompletos; 60% dos internados são lactantes (crianças até dois anos de idade); a média de duração das internações é de cinco a sete dias e a maior parte das internações é por motivos respiratórios/pulmonares.

A ONU (Organização das Nações Unidas) recomenda a existência de brinquedotecas em hospitais desde 1950 e a lei brasileira passou a exigí-las em 2005. Daniela Ribeiro Linhares, Técnica de Apoio Educativo, esclareceu que o HU já contava com es-

paços para atividades lúdicas desde a sua fundação em 1981, além de atividades em ambientes de isolamento (doenças contagiosas) e também no parque externo. Comunicou também que todas as datas especiais são comemoradas com festa na Pediatria: Natal, Dia da Criança, aniversários, etc.

No ano 2000 a brinquedoteca do HU foi inaugurada e com ela a alegria das crianças ganhou novo impulso, afinal esse é o espaço dentro do hospital em que elas mandam, é o seu espaço de autonomia, ludicidade, de acesso ao seu mundo mágico: com isso ganham sociabilidade, desenvolvem senso crítico e psico-motor, e é aí que elas entram em contato com os alunos do Projeto e também com voluntários humanos e não-humanos! (há um adestrador que leva

um cão labrador para interagir com as crianças).

Portanto o trabalho dos alunos é acompanhar as crianças em suas brincadeiras, contar histórias, enfim, dividir um momento delicado de suas vidas. E para quem acha que isso é pouco a Técnica Daniela conta emocionada uma passagem: um dos internos teve que entrar em coma induzido e os contadores de histórias continuaram com seu trabalho, como se a criança estivesse acordada. Recobrados os sentidos, perguntaram à criança o que ela gostaria de fazer em primeiro lugar. Resposta: “- contar histórias”.

Mais informações:

Elisângela - (mariade@usp.br, tel. 3091.4857)

PONTO DE APOIO FAPESP NA USP

POR GUSTAVO DAINEZI

A FAPESP disponibiliza a todos os que necessitam entrar em contato com ela um ponto de apoio na Cidade Universitária.

O principal objetivo do ponto é prestar informações gerais sobre a Fundação e prestar atendimento para a assinatura de contratos (Termo de Outorga) para Bolsas e Auxílios. Assim, graduandos, pós-graduandos e professores evitam um deslocamento

desnecessário até a sede da Fundação.

O ponto fica localizado na Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, na sala 10 do prédio da Reitoria. Os responsáveis pelo ponto são José Ricardo Barbosa e Iolanda Fonezi de Miranda.

Maiores informações podem ser conseguidas através do Telefone: (11) 3091-3548 e do e-mail pontofapesp@usp.br.

ACOMPANHAMENTO DAS REFORMAS DA FFLCH

POR GUSTAVO DAINEZI

O INFORME FFLCH continua acompanhando as reformas em curso na FFLCH.

A principal novidade deste mês foi a entrega dos novos banheiros do prédio das Ciências Sociais. A reforma da sala 14 continua em bom ritmo.

As reformas da Casa de Cultura Japonesa já estão sendo iniciadas. Lá já estão em curso as obras de acessibilidade, com a reforma dos banheiros e com a construção de uma rampa no anfiteatro.

No prédio de História e Geografia, continua a pintura da parte externa e a reforma do telhado. Lá estão sendo colocadas caixas para recolhimento e reaproveitamento das águas pluviais, com capacidade de 150m³.

As reformas do prédio de Letras continuam sem problemas. No bloco anexo, as obras avançam para a concretagem da última laje. O novo espaço da Seção de Alunos está em fase de finalização. Neste prédio houve um problema nos banheiros antigos: raízes de antigas árvores acabaram entupindo parte do sistema de encanamento, de tal forma que os banheiros tiveram que ser interditados. Esta situação acidental já está em processo de regularização pela COESF – Coordenadoria do Espaço Físico da USP.

No prédio da Biblioteca, uma reforma menor está acontecendo, para adaptar os banheiros à nova legislação sobre acessibilidade.



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia

FFLCH

São Paulo, 29 de setembro de 2008.

Senhora Diretora,

A partir de amanhã, após 44 anos dedicados à docência, à pesquisa e aos vários cargos eletivos de representação e direção institucional, passarei a ser professor aposentado do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aproveito o ensejo para agradecer à Diretoria e à Congregação, ao CTA e aos Assistentes Acadêmicos, Financeiros e Administrativos pelo o apoio irrestrito que recebi durante a minha trajetória acadêmica, nos vários cargos que ocupei.

Finalmente, desejo a Senhora Diretora uma brilhante gestão, no quadriênio que se inicia nesta data.

Atenciosamente,

Sedi Hirano

Ilma. Sra.
Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini
M.D. Diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo

Av. Prof. Luciano Gualberto, 315 – sala 1057
Cidade Universitária
05508-010 - São Paulo - SP

Fones/Fax
(0XX11) 3031-2096
(0XX11) 3091-3703

Home page: <http://www.fflch.usp.br>
e-mail: fflch@usp.br

MEMÓRIA

ENTREVISTA – PROF. ANDRÉ VITOR SINGER

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

INFORME: Eu gostaria que o senhor contasse um pouco sobre sua formação acadêmica.

André Vitor Singer: Eu fiz o colégio Equipe, que foi originalmente o cursinho do grêmio da Faculdade de Filosofia. Quando eu estudava lá, o colégio estava apenas começando, foi entre 1973 e 1975, e ainda havia um espírito muito próximo, embora não fosse mais o cursinho do grêmio da Faculdade de Filosofia. Além disso, por razões familiares, eu cresci muito próximo de professores da Faculdade. Quando eu ia prestar o vestibular, fiquei em dúvida entre Medicina e Ciências Sociais. Acabei fazendo o curso de Ciências Sociais. Na época, esta foi, em certa medida, uma opção política, e não estritamente acadêmica e profissional. Eu era muito jovem e era como eu via as coisas. Eu entrei no curso de Ciências Sociais da USP no ano de 1976 e me formei em 1980. Alguns anos depois eu prestei outro vestibular para o curso de Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Eu ainda tive uma outra passagem pouco conhecida: quando eu me formei em Ciências Sociais, eu prestei exame para pós-graduação e simultaneamente para Letras. Fiz dois anos do curso de Letras. Mas então eu comecei a trabalhar na *Folha de S. Paulo* e não pude continuar.

INFORME: O senhor é filho do economista Paul Singer, um dos intelectuais mais conceituados do país, um dos fundadores do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), do PT (Partido dos Trabalhadores), e que também faz parte da história da USP. Em que medida isso influenciou em sua formação acadêmica e profissional?

AVS: Influenciou muito. Como você disse, o professor Paul Singer tem um peso grande no meio intelectual brasileiro, com compromissos políticos desde muito cedo em sua vida (ele se aproximou do socialismo nos anos 50). Eu tenho certeza que isso me

marcou muito. Todo o ambiente em que eu cresci e mais diretamente o convívio com ele foi determinante para as minhas escolhas.

INFORME: O senhor iniciou sua carreira docente na FFLCH em 1990. E o senhor é também jornalista. A docência já estava em seus planos de carreira? O senhor já tinha em mente aliar a docência e o jornalismo?

AVS: Quando eu me formei em Ciências Sociais, eu comecei a trabalhar na *Folha* numa função que não era estritamente jornalística, estava ligada ao conselho editorial, eu tinha de organizar os debates da *Folha*. Foi por conta dessa atividade que eu me aproximei do jornalismo. Desde o início dos anos 1980 eu comecei a trabalhar na *Folha*, trabalhei lá por dez anos, e interrompi meu curso de pós-graduação. Eu entrei na pós e não concluí, precisei interromper. Durante os anos 1980 eu trabalhei, portanto, com o jornalismo, que teve um impacto muito grande sobre mim. Foi minha profissão durante quase 30 anos.

Na verdade, eu tinha o plano de fazer um trabalho intelectual e se possível ser professor da FFLCH. Mas por conta dessa fase com o jornalismo, que foi longa, eu adiei este projeto. No final de 1989 eu saí da *Folha*, voltei a fazer pós-graduação e prestei o concurso para ser professor da Faculdade de Filosofia. E então, durante um bom tempo, quase 17 anos, mais do que eu esperava, eu acabei ficando um pouco nas duas coisas. Foi uma espécie de terceiro momento: houve a minha graduação, depois o tempo que eu fiquei só no jornalismo, e a vinda para cá, ainda dividido com atividades jornalísticas até o ano passado.

O projeto que eu tinha lá atrás, que me trouxe para a Faculdade na época da graduação, eu só estou podendo realizar agora, que eu estou inteiramente dedicado aos assuntos da Faculdade.

INFORME: De 2003 a 2007, o senhor foi Porta-voz da Presidência da República. Gostaria de saber como foi exercer esta função.

AVS: Foi um desafio enorme e ao mesmo tempo a sensação de realização de um grande sonho. Sempre pensei na possibilidade de um partido de esquerda chegar ao poder no Brasil. Quando eu fui convidado para ser Porta-voz deste governo, foi uma honra muito grande a possibilidade de viver a realização desse sonho. Por outro lado, foi talvez a tarefa profissional mais difícil que eu tive que enfrentar, porque a pressão que existe na Presidência da República era ainda muito maior do que eu imaginava que pudesse ser. Teoricamente eu sabia disso, porque vivemos num país presidencialista e todos os problemas confluem para a presidência. Mas na prática a dificuldade foi maior do que supunha. Foi um grande desafio e, como todo grande desafio, trouxe grandes lições. Foi uma experiência de vida muito importante para mim. Evidentemente, também foi uma experiência política, que eu não tinha podido ter mais diretamente desde minha participação no movimento estudantil e na fundação do PT. Eu me afastei da vida partidária por conta dos meus compromissos jornalísticos. Eu fiquei acompanhando a vida política do Brasil sem poder participar. Então, foi também uma oportunidade de participação política que me trouxe uma série de reflexões. De vários pontos de vista, eu senti que quando eu saí de lá eu encerrei vários ciclos, entre eles o do jornalismo. Para mim, o desafio agora é conseguir trazer para o meu trabalho intelectual o que eu vi lá.

INFORME: O senhor comentou que fez parte do movimento estudantil. Como era o movimento na época e como o senhor vê o movimento de hoje?

AVS: Eu participei do período em que o movimento estudantil voltou às ruas. O movimento vinha se organizando dentro da Universidade. Em 1976 houve a primeira passeata até o Largo de Pinheiros, e em 1977 as grandes manifestações no centro da cidade. O que marcou, do ponto de vista político-ideológico, foi um grande engajamento pela democracia, a oportunidade de ter participado de uma luta intensa pela democracia. A partir de 1978-1979, o movimento operário começou a tomar espaço e o movimento estudantil deixou de ser um ator tão relevante, mas no ano de 1977 foi, tinha um peso real na sociedade. Naquele momento havia muita dúvida sobre o que ia acontecer, se nós íamos realmente ter

uma democracia ou não. O momento mais forte do nosso movimento em 1977 foi o protesto contra a prisão de companheiros que tinham sido torturados. Na véspera do 1º de maio, algumas pessoas foram presas em panfletagem em região industrial e nós recebemos a notícia de que elas haviam sofrido torturas e isso detonou o movimento. Era uma coisa muito forte, um engajamento geral. O movimento estava dividido em tendências que na época a gente imaginava e depois veio a saber que algumas delas estavam ligadas a organizações políticas. O PT ainda não existia, o partido é de 1980. Isso é pré-PT, então tinha a ver ainda com as divisões da esquerda da época. Acho que não havia nenhum grupo que não fosse de esquerda naquele período dentro da Universidade. Nós formamos um pequeno grupo aqui na USP, independente, de pessoas que não tinham ligação com nenhum partido político.

Sobre o movimento estudantil de hoje, eu não tenho uma visão clara. Eu fiquei um pouco surpreso ao voltar para a Universidade porque eu me deparei com uma realidade que eu não conhecia: grupos novos, siglas que eu ainda não tinha ouvido falar. Eu fiquei cinco anos afastado da Faculdade, eu fui porta-voz da campanha do PT e depois da presidência, voltei a dar aulas só em agosto de 2007. A impressão que eu tive é que houve uma grande mudança nesses cinco anos. Talvez ela tenha começado um pouco antes, me lembro que quando eu estava me afastando houve uma grande greve, em 2002, que teve um impacto grande na Faculdade de Filosofia. Acho que nessa greve talvez já houvesse o prenúncio de uma mudança, mas como eu me afastei, não acompanhei. Eu senti que alguma coisa mudou, mas eu não sou capaz ainda de fazer uma apreciação, não conheço o suficiente. Estou pouco a pouco tentando compreender melhor que cenário é esse.

INFORME: O senhor destacaria algum acontecimento ocorrido nesse período que está na FFLCH que considera importante para a história da Faculdade?

AVS: Acho que foi importante para a Faculdade a decisão de não se dividir, por volta do ano de 1990. Foi uma decisão crucial. A greve de 2002 parece ter sido também um momento de virada. Eu não acompanhei muito bem, mas houve a contratação de um contingente significativo de novos professores, o que representa uma mudança no corpo docente e também, eu tenho a impressão, existe uma configura-

ção nova no campo dos docentes. Eu colocaria esses dois acontecimentos como chaves.

INFORME: Em 2009 a FFLCH completa 75 anos. Como o senhor vê a situação atual da Faculdade e quais seriam suas expectativas para o futuro da unidade?

AVS: Eu procurei acompanhar os debates sobre as eleições para a direção da Faculdade, e fiquei surpreso com os números que eu ouvi: são quase 11.000 alunos de graduação, 2.000 na pós-graduação, mais 400 professores, mais 400 funcionários, é uma comunidade de quase 14.000 pessoas. É, de fato, uma unidade grande dentro da Universidade, mesmo se comparando com outras Universidades em si. A minha expectativa hoje é muito grande em relação à Faculdade no sentido de que, ainda que possam existir muitos problemas de diversas ordens, a Faculdade parece chegar a um momento em que consegue se apropriar de sua própria herança, o que não é irrelevante, pelo contrário. Essa Faculdade conseguiu

reunir ao longo de muitas décadas boa parte do que se fez de melhor na cultura brasileira das humanidades. Eu vejo que hoje o Brasil está posto numa conjuntura em que as esperanças de que possamos entrar num período de mais desenvolvimento são possibilidades reais. Eu acredito que nesse contexto a nossa Faculdade tem uma contribuição muito grande e significativa para dar. Sinto que, mesmo havendo diversas ordens de problemas, existe esse potencial colocado aqui. E eu acho que a diversidade de pensamentos e posições é positiva, faz parte do espírito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. O cultivo da pluralidade, das diversidades e da crítica. E acho que talvez o desafio que esteja posto para nós seja levar adiante essa diversidade sabendo tolerar as diferenças de posições. Sou forte adepto da tolerância e acredito que a vida intelectual se faz do contraponto entre pontos de vistas diferentes, e até opostos, mas isso só é possível num ambiente de tolerância. Neste momento de retorno, eu estou otimista e interessado em participar e contribuir nesse esforço.

EVENTOS

HOMENAGEM AO PROFESSOR EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

Em 21 de novembro de 1977 falecia Eurípedes Simões de Paula, cinco vezes diretor da FFLCH, historiador, professor e integrante do Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. Em sua homenagem, o CAPH - Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda” realizou uma sessão solene e uma exposição. Em entrevista ao INFORME, Elisabeth Conceta Mirra, pesquisadora do CAPH e uma das organizadoras da exposição, falou sobre este evento e alguns aspectos da vida do professor.

INFORME: Elisabeth, de onde surgiu a idéia de fazer essa exposição? E como ela se apresenta?

Elisabeth Conceta Mirra: No transcurso do 30º aniversário da morte do professor Eurípedes, em

21/11/2007, o CAPH, através de suas diretoras Profas. Dras. Ana Maria de Almeida Camargo e Sylvia Bassetto, idealizou esta homenagem ao seu fundador. À sessão solene compareceram autoridades, familiares, ex-colegas da FFLCH, representantes dos Institutos por ele criados e funcionários que fizeram depoimentos emocionados.

Para a exposição foram montados dois ambientes – sala de jantar e escritório da casa do professor –, reunindo parte do material doado pela família como: documentos textuais (diário de campo das atividades do Pelotão de Morteiros do 1º Batalhão de Petrechos Pesados – 1944-45, sob o comando do 1º Tenente Eurípedes Simões de Paula; apostilas elaboradas pelos primeiros docentes da Cadeira de His-

tória da Civilização Antiga e Medieval – 1935-37), iconográficos (quadros e fotografias), fonográficos (discos), tridimensionais (adornos, mobiliário, lembranças de viagens, condecorações de guerra) e parte de sua biblioteca.

Além disso, sete painéis foram elaborados mostrando suas atividades como professor, administrador, historiador e febiano. O objetivo de tudo isso é de cunho didático, visando mostrar àqueles que visitarem este espaço, sobretudo os alunos que não o conheceram, quem foi o professor de História Antiga e Medieval (1936-77) Eurípedes Simões de Paula.

INFORME: Quais foram os acontecimentos mais marcantes da vida do professor?

ECM: Através dos documentos textuais, como a correspondência de guerra trocada entre familiares, amigos e professores, observamos que sua prioridade profissional era ser professor de História. Em várias cartas perguntava sobre a situação da Faculdade e das pesquisas em andamento.

Como febiano (em campanha na Itália) abandonando o lar, a família, o trabalho, segundo Erasmo Garcia Mendes (Biociências-USP) ele pôde mostrar, “(...) suas convicções libertárias e aquilo que considerava o patrimônio cultural da humanidade, no momento seriamente ameaçado.”

O administrador, talvez seja esta a atividade que as pessoas mais conhecem: cinco vezes diretor da Faculdade de Filosofia, três vezes chefe do Departamento de História e vice-reitor. Nesta atividade preocupou-se em ajudar a comunidade acadêmica, professores, alunos e funcionários.

Como historiador, sua produção foi muito grande nas áreas de História Antiga e Medieval, preocupou-se com a preservação documental em nível municipal, estadual e nacional. Na sua “Revista de História”, na seção “Arquivos”, fazia publicar arrolamentos de fontes históricas existentes nestas instituições. Além disso, nesta revista era dada oportunidade para que o trabalho de um iniciante figurasse ao lado de artigos de professores catedráticos.

INFORME: Durante a pesquisa e montagem da exposição, foi possível descobrir fatos relevantes da carreira do professor antes não tão considerados?

ECM: Para montar a exposição foi feito um estudo sobre sua vida. Em virtude disso, estabelecemos as funções que ele desempenhou: professor, historiador,

administrador e febiano. A documentação consultada veio comprovar os subsídios necessários para a execução do trabalho. Portanto, não houve novidades.

INFORME: De acordo com esse estudo feito, o que a senhora conseguiria nos dizer a respeito do período do prof. Eurípedes como diretor da Faculdade? Como era sua direção?

ECM: O livro “Eurípedes Simões de Paula – *In Memoriam*”, com depoimentos de funcionários, alunos e colegas, retrata com clareza as várias atividades do professor e suas relações de amizade com todos os que com ele conviveram. O funcionário José Aldo Pasquarelli – Assistente Técnico para Assuntos Acadêmicos da FFLCH-USP fala, justamente, do professor como diretor. Comenta o carinho com que o professor tratava todos que lá chegassem, alunos, professores, chefes de Departamentos. A porta de seu Gabinete na Administração da Faculdade estava sempre aberta. Com ele se falava não só de assuntos administrativos, mas também pessoais, demonstrando a confiança que essas pessoas depositavam nele. Sua posição na Faculdade permitiu que ele desenvolvesse sua função como diretor em benefício de toda a comunidade universitária.

INFORME: Conte-nos um pouco sobre a relação existente entre o CAPH, a atuação da senhora no Centro e o prof. Eurípedes.

ECM: O CAPH tem 42 anos e foi fundado pelo Prof. Eurípedes e um grupo de colegas, com subvenção da FAPESP. Já teve vários nomes: o primeiro foi Centro de Documentação Histórica da FAPESP (1966-70); depois passou para o Departamento de História com o nome de Setor de Documentação (1971-1984); Centro de Apoio à Pesquisa em História (1985); acrescido ao seu nome o do prof. Sérgio Buarque de Holanda (1987). A finalidade era reunir, catalogar e salvar documentos de arquivos brasileiros, públicos e particulares pela microfilmagem.

Em 1982, a pedido do então diretor da Faculdade, João Baptista Borges Pereira, o Centro tornou-se o guardião da memória da FFLCH. Com isso, em 1985 passaram a ser depositadas todas as dissertações e teses defendidas em âmbito desta instituição. Com a aproximação do cinquentenário da FFLCH-USP, o Centro passou a colher depoimentos de representantes das diferentes seções da Faculdade (ciências exatas, naturais e humanas) e das diferentes gerações/turmas; con-

sultar os arquivos da instituição; receber arquivos pessoais dos professores como, por exemplo, o do prof. Eurípedes. Conseguimos, com isso, reunir documentação textual, oral e iconográfica. Estas atividades de preservação são contínuas e têm propiciado subsídios a todos os pesquisadores que buscam conhecer a história dessa Instituição e da USP, além de colaborar com os eventos, como as exposições comemorativas dos seus 60, 68 e 70 anos, bem como os da USP.

O CAPH desenvolve, também, atividades de apoio à docência e discência do Departamento de História, elaborando material audiovisual para os cursos (slides, vídeos) e emprestando todo tipo de aparelhagem (projeto multimídia, notebook, DVD, retroprojeto).

Quanto à minha passagem pela Faculdade, devo a ela toda a minha formação profissional. Após a

conclusão do Curso de História fui convidada pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula e sua esposa Profa. Maria Regina para trabalhar como voluntária, no recém fundado Centro de Documentação Histórica da FAPESP, primeiramente como bolsista da FAPESP, depois contratada como historiadora e efetivada como especialista em pesquisas e apoio a museus. Desenvolvo há 36 anos atividades nas áreas de Pesquisa Documental e Arquivística, organizando e facultando à consulta pública o acervo do CAPH.

Ao lado disso fui professora de História e de O.S.P.B. (Organização Social e Política Brasileira) por 25 anos para alunos do 1º e 2º graus.

Portanto, minha vida profissional foi pautada nas propostas de ensino da FFCL/FFLCH-USP: formadora de professores de ensino médio e de pesquisadores.

ENTREVISTA COM PROFESSOR HORÁCIO COSTA SOBRE O IV CONGRESSO ABEH

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

Realizado na FFLCH, de 09 a 12 de setembro, com o tema “Retratos do Brasil homossexual,” o IV Congresso contou com a participação de renomados docentes das mais diversas Universidades nacionais e internacionais. Em entrevista ao INFORME, o professor Horácio Costa, Presidente da ABEH (Associação Brasileira de Homocultura), fala um pouco sobre o Congresso e a Associação.

INFORME: A ABEH está em sua quarta gestão. Como o senhor acha que a sociedade vê uma entidade de como essa? Ainda existe rejeição? Se sim, como ela se manifesta?

Horácio Costa: O tema da ABEH não é rejeição ou não rejeição, porque são tópicos que, na verdade, nos interessam menos. Mas sim é a afirmação de um campo de pesquisa e de reflexão. É uma sociedade científica, fundada há relativamente pouco tempo – a minha foi a quarta diretoria e já há uma nova eleita, tanto que o próximo Congresso irá para o Nordeste, para a Universidade do Rio Grande do Norte – e a nossa intenção é desenvolver, em todo o território do Brasil, a inteligência homossexual, e nós estamos fazendo isso. Se há rejeição, é um problema de menor interesse; o que realmente interessa é criar

uma reflexão sobre os tópicos conexos dentro da academia brasileira e levar adiante. É algo pioneiro no Brasil e na América Latina.

INFORME: O que o senhor acha que já mudou quanto ao comportamento das pessoas comparando a época anterior à ABEH, quando existiam os Seminários “Literatura e Homoerotismo” e hoje, com a Associação instituída?

HC: Justamente nós estamos tratando de organizar uma inteligência, um pensamento, uma reflexão sobre tópicos ligados à homossexualidade no Brasil contemporâneo. Ou seja, há várias associações acadêmicas que foram muito importantes no momento de seu aparecimento, como eu falei no meu discurso de abertura do IV ABEH, tais como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que foi tão instrumental na luta contra a ditadura militar, nos anos 80, ou a Associação Brasileira de Literatura Comparada, entidades que promovem reflexão e juntam cientistas, pesquisadores interessados e que têm e tiveram o seu papel na sociedade brasileira. ABEH é uma associação como essas mencionadas, e o momento para o seu surgimento e afirmação é propício. O que mudou é que antes não havia possibilidade de

existência de uma associação como essa e agora há. Se ela cria algum tipo de rejeição, o problema é de quem rejeita, não é nosso.

INFORME: De acordo com o que se discute na ABEH, como acontece a transformação de mentalidade na cabeça das pessoas?

HC: A ABEH em si é um certificado da mudança da mentalidade. Nós recebemos apoio de muitas instituições. É a segunda vez que eu peço apoio para a FAPESP e ela dá, o CNPQ deu, a USP deu algum apoio, direto ou indireto, o Governo do Estado de São Paulo quer apoiar, não foi sequer contatado, mas nos procurou para nos apoiar, a Presidência da República do Brasil nos apoiou, não houve mais apoio porque nós não conseguimos procurar todos os apoios, mas de fato não houve nenhuma rejeição. Esse é o sentido da sociedade brasileira e nós estamos tirando proveito dessa mudança de mentalidade, que nós impulsionamos e de que nos aproveitamos ao mesmo tempo.

INFORME: Porque a FFLCH foi escolhida para o IV Congresso?

HC: Porque eu sou professor aqui e era Presidente da ABEH, ainda sou Presidente em exercício, mas deixarei de ser nos próximos meses. E como essa é minha base, foi aqui que foi realizado o Congresso.

INFORME: Durante o evento, pôde-se perceber a participação de professores que palestraram oriundos de diversos países como Espanha, Chile e Paraguai. Como a questão da homossexualidade é vista em outros países?

HC: Justamente, na minha administração, eu procurei fazer com a ABEH aquilo que eu faço como poeta. Como poeta, eu já organizei vários eventos entre poetas brasileiros e a poesia brasileira e as poesias de língua espanhola, particularmente as hispano-americanas. Desde 1990 eu faço isso, o meu primeiro congresso foi no Memorial da América Latina, quando organizei um diálogo entre os poetas da minha geração do Brasil e da América Hispânica. O livro está publicado, ganhou um prêmio e se chama “A Palavra Poética na América Latina: Avaliação de uma Geração”; agora é um livro de referência nos estudos de poética contemporânea, tanto nos paí-

ses de fala espanhola quanto no Brasil; esta é, portanto, a minha linha de trabalho. Convidei através da Agência Espanhola de Cooperação Internacional e do Centro Cultural da Espanha, a participação de professores e militantes da América Hispânica e da Espanha para virem participar do nosso Congresso e foi uma convivência muito boa. Tenho certeza que nós precisamos falar com nossos vizinhos – essa é uma certeza intelectual minha – e foi muito bom tê-los entre nós, eles até participaram da Assembléia, nós não demos direito ao voto, mas sim direito à manifestação. Vieram representantes de assembléias e fóruns Travestis e Transgêneros da Argentina, houve uma militante lésbica do Paraguai, o diretor do Museu do Travesti, de Lima...

INFORME: Então também existem associações como a ABEH em outros países?

HC: Não. A ABEH é a única na América Latina que congrega todos os estudos de um país. Há associações setoriais, por exemplo, a Associação das Travestis e Transgêneros de Buenos Aires e outras associações. Mas assim, algo como a ABEH e com a quantidade numérica: foram mais de 300 inscritos que vieram, é muita gente! Não há, não. Nós tivemos representantes do Amapá, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Acre, Rondônia, Amazonas, Tocantins, é todo o Brasil que está pensando nisso.

INFORME: Qual o senhor acha que foi o ponto de maior relevância debatido nesse último Congresso?

HC: O fato de ele ter sido o maior, de ter sido o primeiro Congresso sobre esse tema realizado na USP - que é um centro de produção científica tão importante atualmente - e o fato de ele ter dado certo.

INFORME: O que, em sua opinião, se pode tirar da realização deste IV Congresso que o senhor imagina que ficará para a posterioridade ou será retomado daqui alguns anos?

HC: É um processo acumulativo, evidentemente, pensando numa publicação, que nós estamos organizando e já há dinheiro para isso. Foi muito bom para os alunos, porque eles podem ver que tem professores que pensam homossexualmente, o que eu acho que não estava bem claro na USP. Nós temos um colegiado que se preocupa com essa área de re-

flexão e, daqui para frente, eu acho que vai ser bom para todo mundo, não só pra nós.

INFORME: O senhor tem algo a acrescentar?

HC: Eu quero acrescentar tudo isso que faz parte de uma necessária reformulação do Estado Brasileiro. Foi o tema do meu discurso. A felicidade sempre é deixada de lado e só pode ser feliz quem tem a sua identidade, dentre elas a identidade sexual, respeitada por todas as instâncias. A Universidade deve sempre pensar nisso. O moto da Universidade de São

Paulo é: “No universo da cultura, no centro que está em todas as partes”. Logo, se está em todas as partes, passa também pelo Brasil homossexual. Nós estamos no centro assim como todos os outros brasileiros. É isso que fica do IV ABEH. Queremos ser felizes dentro do estado de direito e que o Estado nos garanta a possibilidade de exercício, o acesso à felicidade, coibindo todas as traves contra a nossa participação plena e reconhecimento pela totalidade do corpo social. Caso contrário, o Estado é parcial. Nós queremos mudar o Brasil para melhor.

ESPAÇO DOS FUNCIONÁRIOS

UMA VIDA CONSTRUÍDA DENTRO DA FFLCH

FLORIPES PINÉ GARCIA, HÁ 28 ANOS TRABALHANDO NA FACULDADE, EMOCIONA-SE AO CONTAR SUA HISTÓRIA QUE SE CONFUNDE COM A DA INSTITUIÇÃO.
POR RENATO ROSTÁS

Floripes Piné Garcia é funcionária da USP e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, há 28 anos. Ingressou na Faculdade para trabalhar na Seção de Alunos quando nem sabia direito o que era a Universidade, para chegar ao título de mestre pela instituição e fazer da FFLCH parte integrante da sua vida. Dedicou uma enorme parte desse seu tempo no Departamento de Geografia, onde conheceu os dois homens que viriam a ser seus maridos, montou uma biblioteca com o acervo exclusivo do falecido Prof. Armando Correia e hoje continua seu trabalho no Laboratório de Geografia, principalmente dedicando-se à Semana de Geografia, que é realizada anualmente.

Confira a entrevista com Floripes, que declarou ter orgulho de ser funcionária pública e demonstrou ter saudades da união que a classe tinha antigamente.

INFORME: O que foi que a levou a trabalhar na USP?

Floripes Piné Garcia: Vir trabalhar na USP foi um mero acaso. Eu nem sabia o que era a Universidade de

São Paulo na época. Eu trabalhava na Folha de S. Paulo e precisava ganhar mais para ajudar meu pai na época. Minha tia, Conceição Pinez Garcia, trabalhava na FFLCH, na Contabilidade. Fui visitá-la em sua casa e perguntei se precisavam de alguém onde ela trabalhava. Eu estava de férias na Folha de S. Paulo nesse período. Em meados de julho de 1980, ela me mandou vir para a Universidade, e eu nem sabia como vir.

Fui apresentada ao Sr. Jurandir, chefe da seção de alunos e ele me mandou ao Departamento Pessoal para preparar a documentação necessária. Então, em 10 de agosto comecei a trabalhar na Faculdade. O Prof. Rosenthal resolveu assinar meu contrato porque achava que meu nome estava errado, porque minha tia era Pinez, e o nome do meu pai foi registrado errado, ficou Piné.

Desde então, fiquei dois anos na seção de alunos, 15 anos na secretaria do Departamento de Geografia, cinco anos no Laboratório de Pedologia e mais cinco anos no Laboratório de Geografia Urbana.

Na secretaria do Departamento fui auxiliar, de-

pois cheguei a ser técnico oficial de administração e até fui secretária de Departamento, mas acabei abandonando, pois queria estudar. Eu achava que a Universidade me dava essa oportunidade, então quis aproveitar. No Laboratório você tem como estudar, na secretaria, não. É muito serviço, muita papelada acadêmica, se bobear você acaba trabalhando por 12h. Apesar das obrigações que tinha no Laboratório, ajudando com trabalhos de campo e etc., você tinha momentos em que podia estudar.

INFORME: O convívio com a universidade a motivou a fazer o curso de graduação em pedagogia?

FPG: Foi isso que me levou a fazer Faculdade. Em 2001 já estava no Laboratório de Geografia Urbana e em 2003 terminei a minha Faculdade de pedagogia. Em 2004, entrei no mestrado aqui na FFLCH, em ensino de Geografia. Mas foi a Semana de Geografia, um projeto do Departamento que pretende trazer os alunos da periferia para dentro da Universidade, que me levou a fazer o mestrado. Chama “Trabalhar com Projetos”, você trabalha com os alunos em sala de aula. Elaborei o projeto junto com uma escola, na 8ª série, junto com a Profa. Rosana Protásio, que prontamente encampou minha idéia. Tratava de os alunos conhecerem seu entorno, o bairro onde moram. Minha dissertação se chama “Conhecer e resgatar os valores do lugar de sua vivência através do bairro”. Eu a defendi em 29 de julho de 2008.

INFORME: No momento, você é mestre. Pretende um dia dar aulas dentro da FFLCH?

FPG: Dar aulas na USP é muito complicado. Falta muito pouco tempo para me aposentar. Não sei se quero fazer doutorado no momento. Quero descansar agora, mas quando terminar minhas atividades na Faculdade – faltam quatro anos – aí quem sabe vou pensar... mas quero trabalhar com a periferia, levar o que fiz para a periferia. Quero estimular os alunos em conjunto com os professores da rede pública, para conseguir mostrar a eles que a Universidade não é uma ilha da fantasia, que nem a periferia pensa – apesar da USP Leste. Sinto-me na obrigação de levar a eles isso que eu fiz com essa pequena classe (40 alunos), e mostrar a eles que é possível, sim, conseguir entrar na Universidade. Hoje, apesar de a Universidade ainda ser elitizada, é possível, é só

eles quererem, estudarem. Claro que o ensino público deixa muito a desejar, mas sempre há um caminho. Aqui na FFLCH tem alunos de periferia que estudaram com bolsa e batalharam para se manter aqui.

INFORME: Como é trabalhar na FFLCH?

FPG: Trabalhar aqui na FFLCH, para mim, é especial. Eu não sei como os funcionários novos vêm a Universidade, mas, para mim, descer do ônibus pela Rua do Matão, em frente ao prédio da Administração, com os passarinhos cantando, é ótimo. Sou servidora pública há 28 anos, antigamente não era qualquer pessoa que conseguia isso. Hoje a visão dos trabalhadores é diferente. Meu pai dizia orgulhoso que sua filha trabalhava na USP, meus filhos também. Isso mostra a importância que tem essa instituição, a importância de ser servidora pública do Estado.

Para mim as pessoas aqui são minha família: estamos juntos nos momentos alegres, tristes, na hora de brigar... lembro-me de quase todos os diretores com os quais convivi, principalmente do Prof. Rosenthal, do ano em que ingressei. Lembro também do Prof. Ruy, do Prof. João Alexandre, do Prof. João Baptista, com vários mandatos... a Faculdade de Filosofia tinha alguma coisa diferenciada, e ainda tem. A formação da Universidade partiu dela, o que dá a ela um grande peso. Pra mim, essa é minha família de todo dia, que está aqui para me ajudar, que me incentiva e me dá oportunidades - é aqui. No dia da minha defesa, disse que ninguém pode reclamar de carreira aqui dentro – se eu estudei, todos podem estudar. Meus dois maridos eu conheci aqui na Universidade, criei quatro filhos do primeiro casamento, quatro do segundo e mais dois meus. Tive que ajudar meus pais, convivi com meus irmãos, meus sobrinhos... e consegui fazer tudo isso. Pode não ser o melhor mestrado já feito, mas minha meta eu alcancei. Falo pros meus filhos que eles não estudam aqui porque não querem, apesar de eu ter três filhos já formados. Os demais têm sua vida, são casados, têm filhos, família... e de vez em quando vêm me ver. Acho que a Universidade, para quem realmente quer estudar, quem quer ser feliz, torna possível se conquistar muita coisa. Vale a pena. Eu amo essa casa. Fico pensando o que vou fazer depois de me aposentar... eu sentirei falta. Mas quando eu for, eu posso dizer que vou, mas

cumpri com tudo aquilo que me foi determinado, com muito respeito, carinho e responsabilidade – nunca pisei, maltratei ninguém. Conquistei tudo por mérito.

INFORME: Como foi ter que criar 10 filhos, trabalhar aqui e ainda estudar?

FPG: Os quatro primeiros que criei eram muito obedientes. Eu sou um general, então todos foram criados dentro de uma regra rígida. Às vezes me assustava, mas eu tinha que ser assim – eu e meu marido trabalhávamos. Bastava olhar e eles já sabiam o que eu queria dizer. Mas eles eram crianças perfeitas, apesar de eu ser suspeita para falar. Eles iam para a escola, e meus pais eram minha retaguarda. Graças a Deus, sempre tive o apoio da família nesse sentido, portanto podia trabalhar sossegada. Cheguei a ficar 12h aqui na Faculdade, chegava em casa e estava tudo bem. Com os outros quatro, do outro casamento, a mesma coisa. O Vavá, meu segundo marido, é muito mais general do que eu, eu que fui amenizando o jeito dele, pedia que ele fosse mais democrático com as crianças.

Graças a Deus, já tenho dois filhos casados, sou avó de sete já... sete netos! Fui avó com 31 anos. Meu primeiro neto nasceu aqui no HU. A criação tem que ser sempre na base do amor e da regra, e tudo dentro da verdade. E o bom é que eles são unidos. Apesar de não serem irmãos de sangue, eu os chamo de irmãos de alma. Eles têm uns pactos fechados – não dedam uns aos outros, são muito fiéis entre eles. Hoje, já maiores, eles contam as traquinagens que fizeram, como pular o muro da escola no fim de semana para jogar bola, e que eu não soube por causa dessa fidelidade entre eles. Aí nós chegávamos em casa e parecia que nada tinha acontecido, mas o dia devia ter sido bastante agitado, cheio de aventuras e traquinagens. Para mim, os pais têm que ser sempre grandes amigos e grandes exemplos para seus filhos.

INFORME: Seu trabalho aqui na FFLCH influenciou seus filhos de alguma maneira?

FPG: Eu sempre dizia para meus filhos serem funcionários públicos. Conseguir emprego dos 18 aos 21 anos é um pouco complicado, então dizia para eles batalharem para conseguir esse posto. Tenho um filho, o mais velho, que, em nove meses, fez dois concursos para a Polícia Militar. Ele é enfermeiro, mas gostaria muito de ser policial. Fico triste por causa das coisas que podem acontecer, mas sei que Deus está guardando sua vida. O outro, que era professor

de Educação Física, também é policial agora. Estamos em uma época em que tudo é terceirizado e a concorrência é muito grande, gente de nível universitário buscando vagas de nível médio. Portanto, é importante trabalhar e batalhar para conseguir uma estabilidade. Eu ainda acho que ser funcionário público é o melhor caminho.

INFORME: Como foi conhecer seus maridos aqui dentro? Conte um pouco da história – onde eles trabalhavam, como se conheceram etc.

FPG: Meu primeiro marido foi o Aparecido Rodrigues Rosa. Ele foi funcionário da casa de 1976 a 1996. Era eletricitista e também trabalhava, como eu, na Faculdade de Filosofia. Antigamente, a manutenção era dividida pelos prédios, então meu ex-marido ficava na Geografia. Eu o conheci na Administração, namoramos por pouco tempo e então casamos. Eu não acreditava quando pensava que ele tinha quatro filhos, mas eu gostava muito dele. Vivemos juntos até 1996. Ele foi mandado embora da Faculdade nesse ano porque se desentendeu com o assistente administrativo, por bobagem. Ele entrou na justiça, recorreu, e deram o direito de ele retornar à Faculdade, mas ele não o fez por orgulho ferido. Depois, fiquei três anos separada. Foi quando o Vavá passou a ser chefe da manutenção da Faculdade. Começamos a fazer uma reforma no Laboratório de Pedologia e ele sempre vinha vistoriar. Ele me perguntou se eu ainda estava com o Aparecido, e eu expliquei que há três anos já havia me separado. Então ele me chamou para sair, mas eu não queria, já tinha sofrido com a última separação... mas acabou acontecendo. Quando eu descobri que ele tinha quatro filhos, meu Deus... mesmo assim começamos a namorar. Então, meu filho mais novo me disse, quando eu contei para ele que queria conhecê-lo, que ia dizer se gostava ou não do Vavá, se o aprovaria. No ano seguinte, levei os meninos para vê-lo. Todos o aceitaram, com alguma reserva, e à noite o mais novo também me disse que o aprovara.

É uma família bem diversificada, mas graças a Deus todos se dão bem. Nós começamos do nada, só tínhamos os filhos e a Universidade. Hoje conseguimos conquistar muitas coisas. Eu, por exemplo, só consegui estudar por causa dele, do incentivo dele. Ele também já está quase se aposentando, mas vai demorar um pouco mais. Cada um, de seu jeito, foi importante para mim em seu momento.

INFORME: Como é seu trabalho no laboratório de Geografia Urbana? E a relação dele com seu mestrado?

FPG: Em 2001, um grupo de alunos da graduação montou um projeto sobre trabalho com professores e alunos da rede pública. O projeto chama-se Semana de Geografia. É para trabalhar com o Ensino Fundamental e o Médio. O problema é que eles não tinham sede, então vieram falar comigo. Eu era aluna de pedagogia, como ia falar não pra eles? Conversei com a professora Amália e ela concordou. Assim, a I Semana teve mais de 400 professores da rede pública que trouxemos para dentro da Universidade. A II por aí, a III um pouco mais. Então, a Semana acabou virando calendário dentro do Departamento. Terminamos a Semana em outubro, em dezembro mandamos o relatório, e em janeiro mandamos outro para ter a próxima Semana. Vendo o resultado desse trabalho nessas escolas, eu, como pedagoga, pensei que deveria fazer algo nesse caminho. Em 2005, comecei a fazer meu mestrado e a pesquisa em sala de aula com a professora. É um trabalho que tem bastante participantes, o que é muito importante. Você abre a Universidade para os professores da rede pública, mostrando projetos novos, de outros professores, de outras escolas... já estamos na V Semana. Os alunos de graduação que a elaboram, então há uma renovação constante; nós só supervisamos, coordenamos.

O projeto está crescendo. E estamos incentivando esses alunos a continuarem a trabalhar com ensino. A Pró-Reitoria de Cultura e Extensão elaborou o projeto “Aprender com Pesquisa”, que distribui bolsas, contando com vários monitores – para ver o que está acontecendo nas salas de aula e sabermos o resultado de nosso trabalho.

Outras coisas que faço no laboratório é ajudar os professores com seus grupos de trabalho. Tento fa-

zer com que cada um possa usar a sala sem dar maiores problemas, conflitos. Cuido também dos alunos de pós-graduação. Temos uma biblioteca com mais de 2000 livros, teses e periódicos, que eu cataloguei. Essa coleção pertencia ao professor Armando Corrêa da Silva, que infelizmente faleceu. Eu controlo os empréstimos desses livros aos alunos. Tem livros aqui que não tem na biblioteca central - o prof. Armando tinha vários livros importantes. Então, estamos cuidando do acervo que ele deixou. Eles me chamam de “a mãezona” do laboratório.

INFORME: O que a FFLCH representa para você?

FPG: A Faculdade de Filosofia, para mim, é tudo. Tudo que eu tenho e sou devo à Faculdade de Filosofia, além de Deus. Ela me deu maridos, filhos, enteados, a possibilidade de conseguir uma graduação, o meu mestrado... eu sou muito grata e gostaria que a maioria dos funcionários vissem a Faculdade de outro jeito. Nós éramos como família antigamente, hoje eu não sei mais... a maioria pensa só em receber o seu salário. Os encontros dos funcionários antigamente eram ímpares, principalmente os jogos de futebol. Você vestia a camisa da Faculdade para brigar por ela.

Sempre agradeço a Deus por ele ter me dado essa oportunidade. Posso estar sendo piegas, mas isso é de coração. Gostaria que esse tempo voltasse, mas sei que isso não é possível. Éramos uma categoria muito unida, valia muito a pena brigar pela Faculdade. Hoje, me perdoem meus companheiros se estou falando bobagens, mas eles não vêem a Universidade como a víamos. Hoje ela é uma empresa qualquer. A maioria dos funcionários que ingressam na Universidade ultimamente não sabe a sua história, como ela foi fundamental politicamente e tudo mais. Acho que é por isso que a visão que têm da Faculdade é diferente.

ENTREVISTA COM SRA. VICENTINA, ANTIGA FUNCIONÁRIA DA FACULDADE

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

Desde 1969 até sua aposentadoria, a funcionária Vicentina Maria Gonçalves integrou o quadro de funcionários da FFLCH. Na segunda entrevista da série com funcionários aposentados, o INFORME tem o prazer de ouvir um pouco de seu relato a respeito de sua passagem por aqui.

INFORME: Quando a senhora começou a trabalhar na Faculdade? Como aconteceu esse ingresso?

Sra. Vicentina: Ingressei na Faculdade no dia 24 de fevereiro de 1969; e foi através de concurso público. Naquela época não era processo seletivo como é hoje, era concurso público, o qual participava um

número muito grande de pessoas. Eu fui aprovada, mas não fui classificada para o nº de vagas existentes; então fiquei aguardando e depois de algum tempo, não sei dizer quanto, fui convocada para ingressar na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. No ano seguinte, 1970, passou a ser Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

INFORME: Como foi a trajetória da senhora na Faculdade? Por quais cargos a senhora passou?

Sra. Vicentina: Quando ingressei fui para a Seção de Pessoal, que naquela época era dividida em duas partes: Setor de Cadastro e Assentamentos e Setor de Pagamentos; e eu fui fazer parte do Setor de Cadastro e Assentamentos. Depois de alguns anos fui, a pedido do então Chefe da Seção de Publicações, transferida para lá, ficando até minha aposentadoria. Comecei digitando (naquela época era datilografando) os programas de graduação que eram fornecidos aos alunos, e depois, já mais modernizados, com a aquisição da máquina composer, que foi a antecessora do micro computador, passei a digitar, além dos programas, revistas e tudo o mais que fosse da competência da Seção de Publicações. Sendo assim, passei por todas as formas de digitação: desde a mais arcaica (máquina de datilografia comum), depois a elétrica, a composer, que já citei anteriormente, e aí chegamos aos computadores. Essa última fase foi a que tive menos contato, pois logo me

aposentei. E essa tarefa foi sempre muito prazerosa! Eu sempre a desempenhei com satisfação!

INFORME: A senhora foi a primeira pessoa da família a trabalhar na Faculdade ou houve pessoas anteriormente que já haviam trabalhado na instituição?

Sra. Vicentina: Sim, fui a primeira. Em seguida veio meu cunhado, que foi trabalhar na Seção de Contabilidade.

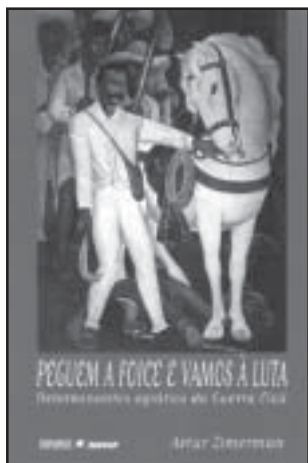
INFORME: Sobre o ano de 1968, a senhora poderia nos contar algum fato ocorrido na época e que a tenha marcado?

Sra. Vicentina: Infelizmente não. Nessa época ainda não estava ligada à Faculdade e não acompanhei os acontecimentos.

INFORME: A senhora se lembra de alguma passagem que queira nos contar?

Sra. Vicentina: Como já mencionei, gostava do que fazia; então as lembranças são todas interessantes. Lembro com saudades dos amigos de quando ingressei, (aí vem uma pontinha de tristeza ao lembrar os que já nos deixaram); das nossas greves em prol de melhores condições salariais, das antigas festas de Natal que eram realizadas na Gráfica e patrocinadas pelo saudoso Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula...

PRODUÇÃO DA FACULDADE



PEGUEM A FOICE E VAMOS À LUTA: DETERMINANTES AGRÁRIOS DA GUERRA CIVIL

ARTUR ZIMMERMAN

A proposta desse livro é abordar assuntos de natureza agrária analisados empiricamente, incluindo-os no conjunto de determinantes de guerras civis com os quais a literatura já trabalha. Entre eles o papel da demografia rural e da concentração de terra, o nível de produtividade no campo, além do tipo de camponês. Ao final, foram encontrados resultados estatísticos relevantes que endossam os fatores agrários como parte do composto que levaria ao início da guerra civil. O estudo abrange 147 países, entre os anos 1969-1998. Os fatores agrários continuam relevantes para a eclosão da guerra civil, e é essa a lacuna que o livro busca preencher.

Editora Humanitas

editorahumanitas.com.br



CARTINHA COM OS PRECEITOS E MANDAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO (ORG.)

Edição crítica, leitura modernizada e reprodução fac-similar

A *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja* de João de Barros, (Lisboa, 1539) é um instrumento pedagógico inovador, uma vez que, de forma pioneira, apresentou as letras do alfabeto associadas a desenhos. A *Cartinha* de João de Barros, para seus contemporâneos, tinha uma dupla tarefa: educar e evangelizar, pois, além de ensinar as primeiras letras, esta cartilha servia como instrumento de evangelização ao levar, em língua portuguesa e em latim, a doutrina católica aos povos recém-contactados pela expansão marítima. No mundo português do século XVI, a expansão do império lusitano acarretou também a expansão da língua portuguesa. Por sua vez, esta, irradiando-se de Lisboa, não se limitou ao ultramar e teve, como instrumentos pedagógicos, por um lado, as *cartilhas para aprender a ler* e, por outro, as gramáticas e ortografias, entre elas, as de Fernão de Oliveira (1536), a de João de Barros (1540), a de Gândavo (1574) e a de Nunes de Lião (1576).

Esta edição, além da reprodução mecânica do original, traz uma leitura semidiplomática com aparato crítico e uma leitura modernizada.

Editora Humanitas

editorahumanitas.com.br

DICIONÁRIO CRÍTICO
NELSON WERNECK SODRÉ
MARCOS SILVA (organizador)

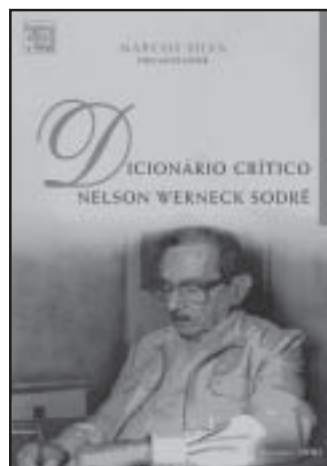
CIDADÃO, SOLDADO E ESCRITOR.

A experiência ditatorial dificultou a apreensão do trabalho de Werneck Sodré. Como a faceta mais visível das Forças Armadas brasileiras era a cena da ditadura, tornou-se fácil trabalhar com o estereótipo do militar autoritário, conservador e até ignorante. Há, recentemente, espaço para debater a ação dos militares que não só discordaram da ditadura, como sofreram seus reveses, tanto da parte dos governantes como de outros opositores àquela experiência.

O propósito deste dicionário é, debatendo o trabalho de um historiador, crítico e polemista, contribuir para sua compreensão e para a discussão atual sobre os campos teóricos e temáticos que ele explorou ou, em alguns casos, deixou de abordar.

Realizando o balanço de uma obra, este livro espera contribuir tanto para o melhor entendimento do trajeto de Nelson Werneck Sodré como para o estudo de um momento histórico na produção de saberes e na vida política e social brasileira, articulando-os ao presente da reflexão sobre percursos do país e produções de conhecimentos.

O livro é Organizado pelo Prof. Marcos Silva (FFLCH-USP/História) e conta com a participação dos docentes da FFLCH Osvaldo Coggiola (História), José William Vesentini (Geografia), Esmeralda Blanco Bolsonaro Moura (História), Marcos Silva (História), Norberto Guarinelo (História), Lincoln Secco (História) e Wilson Nascimento Barbosa (História), além de muitos Doutores e Mestres formados nesta faculdade.





PRINCESA DO MADEIRA

MARIA TEREZINHA CORRÊA

“*Princesa do Madeira*’. Os festejos entre as populações ribeirinhas de Humaitá-AM” descreve um passado amazônico submerso no universo das famílias ribeirinhas ou *beiradeiras*. A compreensão da construção histórica de Humaitá permite uma reconstrução da teia de relações sociais entre os diversos atores surgidos às margens do rio Madeira. Esta obra ao relacionar os festejos de Santo Antonio e da Imaculada Conceição, realizados no “Porto da Anta”, em Humaitá, com a história oficial percebe-se *nas vozes que escutamos ecos de vozes que emudeceram* e, que em meio a *teias de significados* busca interpretar uma situação de fronteira bipolar entre a historicidade da população indígena Parintintin e da fundação local, surgindo, assim, um campesinato amazônida. Esses festejos coincidem com as duas estações amazônicas que rompem com o cotidiano das populações ribeirinhas, demonstrando um modo de vida cíclico, suas relações sociais, esperanças, fartura, prestações sociais totais como forma de uma revitalização dos regimes de trocas, de historicidades e temporalidades.

Editora Humanitas

editorahumanitas.com.br

A CONSTELAÇÃO DOS SONHOS EM WALTER BENJAMIN

ALÉXIA BRETAS

Emblema por excelência da história, a constelação do sonho ocupa nos textos de Walter Benjamin o mesmo lugar de destaque que adquire em sua própria vida. Seja na forma de citações, relatos pessoais, formulações teóricas, anotações de viagens, excursos ou simples fragmentos, o registro onírico, além disso, é inseparável do teor de verdade que emerge de suas duas grandes obras: *Origem do drama barroco alemão* e, sobretudo, *Passagens*. Em ambos os casos, o sonho não constitui propriamente o oposto complementar da vigília, mas antes o seu fundamento – daí a ênfase benjaminiana na urgência do despertar. Leitor e crítico, ao mesmo tempo, de Nietzsche e Aragon, Benjamin se afasta tanto do esteticismo do primeiro, quanto do surrealismo do segundo, ao traçar o esboço do seu novo método dialético de fazer história: trazer para o plano da práxis o que, de certo modo, Freud busca dentro dos limites da *psique* – interpretar o sonho.



Editora Humanitas
editorahumanitas.com.br

SALA DE IMPRENSA DA FFLCH NA WEB

O Serviço de Comunicação Social da FFLCH, a fim de disseminar da melhor forma os conteúdos gerados, está, aos poucos, reformulando e atualizando a Sala de Imprensa da Faculdade.

Nela, agora é possível encontrar notícias de acontecimentos no âmbito da Faculdade como entrevistas, matérias, eventos e, principalmente, defesas de teses – anteriormente divulgadas no INFORME, a publicação mensal do Serviço.

A Sala de Imprensa pode ser acessada pelo endereço: www.fflch.usp.br/sdi/imprensa.html

Mais informações: Serviço de Comunicação Social – (11) 3091.4612/4938 ou comunicacao@fflch.usp.br.

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 47 - outubro de 2008



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717
Cidade Universitária – CEP 05508-900
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938 e 3091-1513